

CDU 78.071.1(=3)

DOM PEDRO II E WAGNER

Vasco Mariz

Em 5 de maio de 1988, o compositor Osvaldo Lacerda escreveu-me indagando se realmente teria Wagner dedicado o "Tristão" a D. Pedro II, que desempenhara um certo papel na criação da mesma ópera. Estava o músico paulista intrigado com o fato de que tivera em sua posse uma partitura de *Tristão e Isolda*, uma edição italiana antiga da editora Ricordi, em formato grande e pesadíssima, a qual continha, na página que se seguia ao título da obra, uma dedicatória a Sua Majestade D. Pedro II, Imperador do Brasil, e o brasão imperial do Brasil, ambos impressos. Não havia assinatura, nem constava o nome de Wagner. Isso ocorreu pelos idos de 1940 e, em 1967, Lacerda deu de presente essa edição, e mais outras partituras, a uma associação de amadores de ópera em São Paulo, por intermédio do sr. Roberto Kovacz. Mas a dúvida ficou na memória do compositor paulista, que então pedia minha opinião a respeito. Recordava-me apenas da leitura feita da autobiografia de Wagner, em Buenos Aires, mais de trinta anos atrás, em edição argentina. Nada lera de mais preciso sobre o assunto e lembro-me de vagas conversas com amantes da música, das quais surgia uma lenda aproximadamente nos termos que passo a relatar: D. Pedro II, através do cônsul brasileiro em Leipzig, encomendara ao grande compositor alemão, que já admirava há muito, uma ópera de cunho romântico latino, de execução não muito difícil, para ser encenada no Rio de Janeiro. Wagner teria aceito a incumbência, recebeu uma soma substancial do cônsul brasileiro para tal fim e escolheu o tema de *Tristão e Isolda* para a ópera que iria compor para o imperador brasileiro.

Viajou para Veneza, mas, à medida que compunha a partitura, a obra se tornou tão complexa que decidiu escrever ao cônsul brasileiro explicando o problema e duvidando da possibilidade de um teatro sul-americano poder encená-la. Wagner, tão avaro em questões de dinheiro, teria até chegado a oferecer a devolução da quantia adiantada, mas D. Pedro II galantemente lhe teria respondido que estava contente por havê-lo estimulado a compor uma obra tão importante, a qual esperava algum dia poder ouvir. Essa agradável lenda nos enchia de satisfação e orgulho pela iniciativa de D. Pedro II e por haver o Brasil, indiretamente, contribuído para a criação de *Tristão e Isolda*. No entanto, a verdade era bem outra, se bem que realmente tenha existido uma certa conexão entre essa ópera e D. Pedro II. Vejamos o que pude de-sencavar nos arquivos, e a história não deixa de ter interesse.

A primeira fonte a que recorri não podia ser outra que a já citada autobiografia de Wagner. Relendo as duas páginas em que o mestre menciona suas relações com o Brasil, já temos imediatamente o primeiro esclarecimento importante. A tradução é minha do texto francês de *Ma Vie*, de Richard Wagner, 3º volume, edição da Livraria Plon, de Paris, páginas 164 e 165. Ouçamos o compositor:

“Na mesma época recebi uma carta surpreendente de um indivíduo chamado Ferreiro, que pretendia ser cônsul do Brasil em Leipzig. Esse correspondente me anunciava que o imperador do Brasil tinha uma grande simpatia pela minha música e, como expressei algumas dúvidas na minha resposta, ele me explicou que seu soberano gostava muito da língua alemã e desejava muito receber minha visita no Rio de Janeiro, onde eu mesmo poderia dirigir minhas óperas. Somente que lá só se cantava em italiano – seria então necessário fazer traduzir os textos, mas isso seria coisa fácil e mesmo vantajosa para meus poemas. O que é curioso é que essa proposta me agradou surpreendentemente – parecia-me que eu conseguiria sem dificuldade compor um poema apaixonado que cairia muito bem em italiano, e eu então pensei com mais amor do que nunca na história de Tristão e Isolda. Para começar e para pôr à prova a generosa simpatia do imperador do Brasil, expedi ao sr. Ferreiro três arranjos para piano, ricamente encadernados, de minhas três óperas mais antigas, e esperei longamente a agradável carta anunciando-me a recepção brilhante que haviam feito àquelas partituras no Rio de Janeiro. Mas nunca mais ouvi falar nem das minhas músicas, nem do imperador do Brasil, nem do seu cônsul Ferreiro.

“Semper (famoso arquiteto da época, construtor da ópera de Dresden) teve também complicações arquiteturais com aquele país dos trópicos. A construção de uma nova ópera tinha sido anunciada no Rio de Janeiro, com a abertura de um concurso, e meu amigo experimentou a sua chance, desenhando planos magníficos que nos interessam muito. O doutor Wille considerava uma novidade construir um teatro para o público negro. Não sei se as relações de Semper com o Brasil foram mais satisfatórias do que as minhas, mas o certo é que ele não construiu lá teatro algum”. (Fim da citação, com a tradução mais literal possível).

Nestas páginas da autobiografia de Wagner esclarecem-se alguns fatos: 1) D. Pedro II não encomendou ópera alguma a Wagner, nem escolheu o te-

ma de *Tristão e Isolda*. Entretanto, a carta do cônsul Ferreiro, "agradou surpreendentemente" a Wagner, o qual passou a pensar com "mais amor do que nunca" na história de Tristão e Isolda, tema romântico não-germânico, um "poema apaixonado que cairia muito bem em italiano". 2) Destarte, senão D. Pedro II mas pelo menos o cônsul Ferreiro, e portanto indiretamente o Brasil, muito contribuiu para que o compositor alemão se decidisse a compor a ópera *Tristão e Isolda*. 3) Wagner aceitou a idéia de vir dirigir essa ópera e outras mais no Teatro Lírico do Rio de Janeiro e essas óperas seriam cantadas em italiano e não em alemão.

Nessa época Wagner estava exilado em Zurique, após haver-se comprometido em tramas políticas republicanas, e portanto teria tido tempo para passar alguns meses no Brasil e aqui arrecadar polpuda renda com o patrocínio do imperador. A principal indagação que se segue é por que D. Pedro II jamais respondeu ao compositor alemão? Por que o cônsul Ferreiro interrompeu sua correspondência com Wagner? Os meandros da verdade são curiosos. Mas, antes de lá chegarmos, parece-me conveniente frisarmos, de acordo com o parágrafo da autobiografia alusivo a Gottfried Semper, que Wagner tinha uma idéia muito vaga do Rio de Janeiro e do Brasil: julgava o dr. Wille e ele também que o arquiteto iria "construir um teatro para um público negro". Mas, mesmo assim, a idéia de vir ao Brasil não lhe pareceu descabida e o plano o interessou vivamente, como se depreende pelo texto. E, certamente, no público do Teatro Lírico do Rio de Janeiro jamais encontraria um só negro para aplaudi-lo... Que surpresa teria ele se aqui houvesse aportado!

As relações entre D. Pedro II e Wagner eram praticamente desconhecidas no Brasil até que o sr. Thales Martins, em artigo em *O Jornal*, de 4 de março de 1923, comentou o espetáculo inaugural do Teatro de Bayreuth, com especial referência ao nosso imperador. Eis alguns excertos do artigo: "No dia 6 de agosto chegava o rei Luís da Baviera para assistir aos ensaios gerais. Na véspera da estréia (13 de agosto de 1876) a cidade regorgitava de peregrinos vindos de todas as regiões da terra. Um trem especial conduzia o imperador da Alemanha, Guilherme I; um outro levava nosso D. Pedro II, segundo conta Glasenapp no 5º volume de sua *Vida de Wagner*, e se menciona na correspondência para o *Jornal do Commercio*, de agosto e setembro de 1876.(...) Na fila reservada aos príncipes (Fürstengalerie) viam-se os imperadores da Alemanha e do Brasil, representantes diplomáticos até do sultão da Turquia e do Quediva do Egito (...) só D. Pedro II percorreu as quatro jornadas da Tetralogia. (...) No templo eterno de Bayreuth, há qualquer coisa que nos pertence, uma pedra que seja". Aqui o sr. Thales Martins se equivocou, pois D. Pedro II assistiu somente à inauguração, isto é, o "Ouro do Reno", partindo logo depois para a Dinamarca.

Recordo que o imperador voltava dos Estados Unidos, onde fora assistir aos festejos do centenário da independência americana. Foi especialmente à Alemanha, desta feita para assistir à abertura do "Festspielhaus". Lá deve ter conhecido pessoalmente o compositor, mas eu não consegui descobrir qualquer menção a uma possível conversa sobre a correspondência do cônsul

Ferreiro, vinte anos antes. Com tantas personalidades presentes e a celeuma da inauguração do teatro, dificilmente terá havido oportunidade para Wagner e D. Pedro II trocarem mais do que algumas palavras de cumprimentos. O musicólogo francês A. Julien, em sua obra *Richard Wagner, sa Vie et ses Œuvres*, disse mais ainda: D. Pedro II teria contribuído financeiramente para a construção do teatro de Bayreuth. Nada encontrei que confirmasse tal asserção e, se assim fosse, haveria correspondência a respeito nos arquivos do Museu Imperial de Petrópolis ou na "Wahnfried", em Bayreuth.

Seja como for, é indubitável o interesse de D. Pedro II por Wagner, que o considerava como "músico futuro" (vide carta a Gobineau, de 7 de agosto de 1876). Heitor Lyra, em sua biografia do imperador (2º volume, 1939, página 381), cita outra carta de 1881 a Gobineau, que é muito eloqüente: "Se for a Bayreuth ouvir o 'Parsifal', sente-se na primeira fila bem perto do palco, de onde ouvi o 'Rheingold', e pense no meu pesar por não estar também aí".

D. Pedro II, já nos anos cinquentas, conhecia e admirava a música de Wagner, tanto que, ao receber o pedido de Carlos Gomes para estudar na Europa, imediatamente decidiu que ele iria para a Alemanha estudar com Wagner. Só a muito custo e com auxílio da imperatriz é que o músico campineiro conseguiu viajar para a Itália, com o sucesso que todos sabemos. No entanto, cabe especular que Carlos Gomes teria talvez obtido um êxito mais permanente, e melhor desenvolvido suas excepcionais qualidades criativas sob a orientação de Wagner.

A correspondência do imperador menciona várias vezes o compositor alemão ao longo de suas viagens à Europa, como diz Pedro Calmon. Os dois se teriam encontrado pela primeira vez em 1871, em casa da condessa de Schleinitz, grande dama berlinense que mantinha famoso salão na época. Não há porém pormenores desse encontro, nem se sabe efetivamente se ocorreu, além de outra referência no livro de Heitor Lyra, digno de fé, aliás. Ele menciona ainda que, em carta sem data escrita no Cairo, D. Pedro manifestava o propósito de ouvir a "tetralogia" em Berlim; em outra carta, datada de Florença, dizia que não poderia ouvir as "Valquírias" em Berlim, mas ficaria satisfeito com "Os Mestres Cantores". Já no Rio, em 5 de agosto de 1878, escrevia a Gobineau: "Nada de 'Tannhäuser', nem mesmo o que ouvimos juntos em Estocolmo". Em outra carta de Petrópolis, de 24/02/79, dizia: "Acabo, de receber o jornal de Bayreuth, mas não sei quando cantarão o 'Parsifal'. Talvez o Liszt o possa informar, se V. o encontrar em casa do amável cardeal Hohenlohe". E ainda em carta do Rio, de 15 de junho de 1879: "Que notícias artísticas me dá? Que sabe do 'Parsifal', de Wagner?" De Petrópolis, em 7 de fevereiro de 1881, indaga: "Quando escrever a Wagner, lembre-lhe a minha curta estada em Bayreuth. Diga-lhe que estou ansioso por ler o que dizem da execução do 'Parsifal'". Também para o Gobineau escrevia D. Pedro em 9 de novembro de 1881: "Aguardo com impaciência o que me vai dizer de Bayreuth, onde certamente terá expressado a Wagner a estima em que tenho o seu talento".

O sr. Ernesto Feder publicou, em quatro artigos, um exaustivo estudo em *O Jornal do Comércio* sobre as relações entre Wagner e D. Pedro II, em

agosto de 1943, baseado em importante artigo do sr. C. H. Hunsche, na revista do Instituto Ibero-Americano de Berlim, de outubro de 1939, caderno 3. Chegou ele à conclusão de que D. Pedro jamais teve conhecimento da iniciativa do falso cônsul brasileiro em Leipzig. Examinemos então o resultado das pesquisas desses dois estudiosos, que aliás não foram finais, como se verá mais adiante neste artigo.

Primeiramente o sr. Ferreiro não era Ferreiro e sim Ferreira, o dr. Ernesto Ferreira França, filho do Conselheiro do mesmo nome, ex-Ministro das Relações Exteriores, que estava na Alemanha tentando obter um leitorado em universidade alemã. Ele escreveu nada menos de seis cartas a Wagner e tentou conseguir o apoio do compositor para obter um posto na Universidade de Zurique, onde morava o maestro. Hunsche publicou as cartas e Ernesto Feder reproduziu algumas delas, onde parece evidente a jogada esperta do jovem brasileiro de usar a influência de Wagner em favor de seu objetivo. Seja como for, sua iniciativa de uma viagem do compositor ao Brasil interessou vivamente o músico. Cita Feder carta de Wagner a Liszt, de 8 de maio de 1857, que diz: "O imperador do Brasil acaba de convidar-me para ir ao Rio de Janeiro. Há promessas de maravilhas. Assim, para o Rio em vez de Weimar!" Em 26 de junho, escrevia novamente a Liszt sobre o assunto, após nova carta de Ferreira França: "Tenho um projeto interessante acerca de 'Tristão e Isolde'. Penso na versão para o italiano e oferecerei a estréia ao teatro do Rio de Janeiro, onde provavelmente será precedido pelo 'Tannhäuser'. Vou dedicá-lo ao imperador do Brasil, que ultimamente recebeu exemplares de minhas obras mais antigas". A primeira representação de *Tristão* ocorreu bem mais tarde, em 1865, em Munique, mas já em fins de 1857, ao terminar o 1º ato, escrevia Wagner em sua autobiografia: "Com sorriso singular pensei na minha veleidade de escrever com esta obra uma espécie de ópera italiana. Minha inquietação por não ouvir nada do Brasil foi se tornando dia a dia menor". Que admirável página da história da música teria sido a viagem do Wagner ao Rio de Janeiro!

O longo estudo de Hunsche é bastante informativo e começa por corrigir, erroneamente aliás, que Ferreira França era cônsul em Dresden e não em Leipzig (na realidade, não havia consulado do Brasil nem em Leipzig nem em Dresden). Reproduz seis cartas do jovem advogado brasileiro e uma carta de Wagner, datada de Zurique, em 15 de março de 1857, onde manifesta sua intenção de dedicar a obra que iria escrever ao imperador brasileiro. Menciona que o trabalho lhe tomaria ainda cerca de dois anos e que esperava utilizar cantores italianos. Ficava aguardando o convite formal para visitar o Rio de Janeiro, convite esse que nunca lhe chegou às mãos, pois D. Pedro II nunca lhe respondeu, nem acusou recebimento das partituras enviadas ao Brasil por portador, via Hamburgo. Em suma, o artigo de Hunsche na revista do Instituto Ibero-Americano de Berlim limitou-se a divulgar o texto completo das cartas de Ferreira França e uma das respostas de Wagner ao jovem brasileiro, que tão levemente brincou com duas altíssimas personagens, visando apenas conseguir apoio do compositor alemão para obter um cargo de livre-docente na Universidade de Zurique. Wagner nunca lhe respondeu ao pedi-

do, talvez por não se sentir com força bastante para consegui-lo, ele que era um simples asilado em terra sulça.

Fica-nos, portanto, a dúvida: por que razão D. Pedro II, que naquela época já admirava Wagner, nem sequer respondeu ao compositor, que lhe abria extraordinária oportunidade de entrar na história da música? Ernesto Feder, em outro artigo no *Diário de Notícias*, de 7 de maio de 1944, afirma que a carta e as partituras não teriam chegado às mãos do imperador; mas quem parece haver dado a última palavra foi Américo Jacobina Lacombe, em artigo na *Revista Brasileira* (vol. 9, páginas 137/141, 1943). O ilustre presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, então diretor da Casa de Rui Barbosa, descobriu entre os papéis pertencentes ao Mordomo da Casa Imperial, conselheiro Paulo Barbosa da Silva, um bilhete a lápis de D. Pedro II àquele dignitário, dizendo:

"É preciso responder ao Ricardo Wagner que recebi as suas óperas e o seu livro e que, agradecendo-lhe a oferta, não posso desde já manifestar o apreço que faço de seus trabalhos, pois que não houve tempo de examiná-los. Quem me mandou a carta de Wagner e os livros foi o filho de Ernesto França, que se achava em Dresden".

Julga Lacombe que "conhecida a minúcia e a atividade proverbiais do Mordomo, a resposta deve ter sido expedida". Ficou claro também que D. Pedro estava ao corrente da estada de Ferreira França na Alemanha, onde se formara em direito pela Universidade de Leipzig e passou temporadas em Dresden e Jena, local de onde foram datadas algumas de suas cartas a Wagner. Completa Lacombe: "Como a carta deve ter sido entregue pelo próprio pai de Ernesto, incumbido pelo filho de entender-se com o imperador, é impossível que este tenha ficado estranho ao convite". Especula o historiador que "terão sido outros os motivos da interrupção das negociações. Provavelmente alguma causa local". Não terá sido, no entanto, uma crise nos meios operísticos do Rio de Janeiro, pois justamente no período de 1857 a 1863 a companhia de ópera nacional de D. José Amat estava no auge e encenou nada menos de 75 óperas. Américo Jacobina Lacombe arremata dizendo que "terão sido provavelmente temores de incompreensão por parte do público, acostumado ao gênero italiano e que talvez não recebesse cordialmente um grande inovador, o que nada teria de estranhável, dada a reação desperpada nos grandes centros musicais da Europa".

Concluindo, não há dúvida de que D. Pedro II efetivamente recebeu a carta e as partituras enviadas por Wagner das mãos de seu ex-ministro Ernesto França, pai do jovem brasileiro residente na Alemanha. Rabiscou uma interlocutória ao Mordomo do Paço e resolveu pensar no assunto com mais calma. Afinal, ele não entendia profundamente do assunto e hesitou diante do perigo das vaias que recebera Wagner em Paris com "Tannhäuser". É possível que, em entrevista posterior com o Mordomo (uma espécie de Chefe da Casa Civil), tenham julgado ser mais prudente dar como não recebida a mensagem de Wagner. Outra possibilidade foi que o Mordomo realmente respondeu ao músico nos termos do bilhete de D. Pedro e essa carta jamais chegou às mãos do destinatário. Foi pena, pois quase certamente a ópera *Tristão*

e *Isolda* teria sido dedicada ao imperador, mesmo que Wagner não tivesse vindo ao Brasil.

O Dr. Lacombe, em outro artigo mais recente (*Jornal do Comércio*, dezembro de 1986), dá crédito à informação de que "Dom Pedro II foi um dos que contribuíram para o teatro de Bayreuth", sem entretanto oferecer prova alguma. Julga ele, porém, que "no arquivo da Casa Imperial, hoje no Museu Imperial de Petrópolis, deve estar a carta de Wagner enviando as partituras das óperas. Onde estará o arquivo do Ministro Ernesto França? Aí estarão as respostas de Wagner ao jovem estudante brasileiro".

Finalmente lembro que só em 19 de setembro de 1883 foi encenada no Teatro Lírico do Rio de Janeiro a ópera "Lohengrin", cantada em italiano. O comentário da imprensa foi de que "o primeiro ato foi fortemente aplaudido. Depois as melodias de Wagner parecem ter fatigado o público, pois ele se manteve muito frio". Se uma ópera "fácil" como "Lohengrin" não foi entendida pelo público carioca, uma eventual "première" de Tristão no Rio de Janeiro seria da aceitação ainda mais difícil. E isso ocorreu em 1883. Assim, talvez Dom Pedro II tenha agido com prudência em 1857 ao procrastinar uma resposta afirmativa, ou, até mesmo, ao deixar de responder à carta de Wagner.

E agora me pergunto: seria a partitura italiana de "Tristão" encontrada em São Paulo por Osvaldo Lacerda, com dedicatória e brasão imperial impressos, uma cortesia especial de Wagner ao imperador? Quem teria mandado imprimir esse exemplar especial? Creio que só mesmo o autor da obra poderia ter autorizado o editor a fazer isso. Algum pesquisador com mais sorte do que eu poderá ainda encontrar alguma correspondência alusiva ao assunto no Museu Imperial de Petrópolis, ou em "Wahnfried", Bayreuth. Ou, quem sabe, o atual possuidor daquela partitura italiana leia este artigo e a ofereça para cuidadoso exame.

